

CARTAS

INTERCAMBIO

● "Tomamos conhecimento da recente criação da Cooperativa dos Jornalistas desta capital e por ser uma experiência pioneira no Brasil, dentro de nossa área, gostaríamos de obter maiores informações sobre suas atividades, mecanismo de funcionamento, etc, para intercâmbio de experiências. Atenciosamente" Maria Carlota Carneiro, diretora de divulgação da Associação Brasileira de Editores de Revistas e Jornais de Empresa. SÃO PAULO.

COMO SABER?

● "O nosso interesse é em saber toda a organização de uma cooperativa de jornalistas, semelhante à de vocês. Poderiam nos enviar cópias dos estatutos, do projeto de viabilidade econômica e da ata geral da assembléia.

De posse desses dados poderemos iniciar um trabalho cooperativo bem fundamentado. Seria também um relato completo das atividades da Cooperativa durante o seu funcionamento, desde a sua fundação até agora".

Antonio Magalhães, pela ex-equipe do Jornal da Cidade - RECIFE.

Estamos mandando tudo o que pediste, Antonio.

"Soube que vocês estão com uma cooperativa funcionando aí em Porto Alegre. Como é que eu poderia saber alguma coisa sobre isso, nós estamos pensando em fazer o mesmo aqui! Um abraço". Fernando Semedo, SÃO PAULO.

Já seguiu resposta para ti também, Semedo.

VISITANTE

● "Estou vivendo aqui em Minas como visitante, com medo de ser assimilado, sentindo a ausência do inverno... Pretendo ficar mais algum tempo por aqui e depois voltar aí para Porto Alegre ou mesmo para Santa Catarina ou Paraná, onde deve haver mais chances de exercer esta profissão do que no Rio, São Paulo, Belo Horizonte. Em São Paulo há mais condições de trabalho e os salários não são baixos. Mas como viver lá? No Rio, trabalha-se demais. Aqui... Queria saber então se posso me associar à cooperativa, agora, enquanto estou fora. Afinal, isso me parece uma boa coisa..."

Chico Reis, BELO HORIZONTE.

Para ser sócio da cooperativa é preciso ter domicílio em Porto Alegre. Há vários colegas que moram em São Paulo e são cooperativados porque tem família (e domicílio, consequentemente) aqui.

RISCOS

● "A equipe do RISCO, que na sua esmagadora maioria é constituída de cooperativados está dando a maior força para o surgimento, quando isto for possível, do jornal da Cooperativa. Acreditamos que a classe precisa de veículo com a maior urgência. Além da nossa participação direta no futuro jornal, como cooperativados, nos colocamos desde já à disposição para tudo for preciso, no RISCO. O Coojornal (ou será O Repórter?) vai entrar rachando junto com o RISCO numa faixa de público que cada vez cresce mais no Rio Grande do Sul". José Antonio Pinheiro Machado, PORTO ALEGRE.

COMO PAGAR?

● "Quem escreve é o Ayrton Kanitz. Quero esclarecer certas coisas: o pessoal é de Palegre e (Beatriz, Rosinha, Flávio) tão terminando o curso este ano. Faltam dados, pois (reg. profissional, etc). Mas querem saber das opções pra colaboração financeira e, inclusive que endereço devem dar para cobrança. Pode ser daqui? Com Elaine e Berna é só saber se podem pagar por aqui e das opções. Uma pergunta: o que se paga pode ser descontado do imposto de renda? Um abraço Tuniko, FLORIANÓPOLIS.

Tuniko, estamos esperando que venhas nos visitar e ficar de nosso representante em Flópis para quebrar todos esses galhos.

Um terço da redação saiu. O que mudou na Folha da Manhã?

Conclusão de um debate na Puc: a faculdade nada fará para melhorar o nível do ensino

Cooperativa começa a preparar o seu jornal (sem segredos)

COOJORNAL

BOLETIM DA COOPERATIVA DOS JORNALISTAS DE PORTO ALEGRE

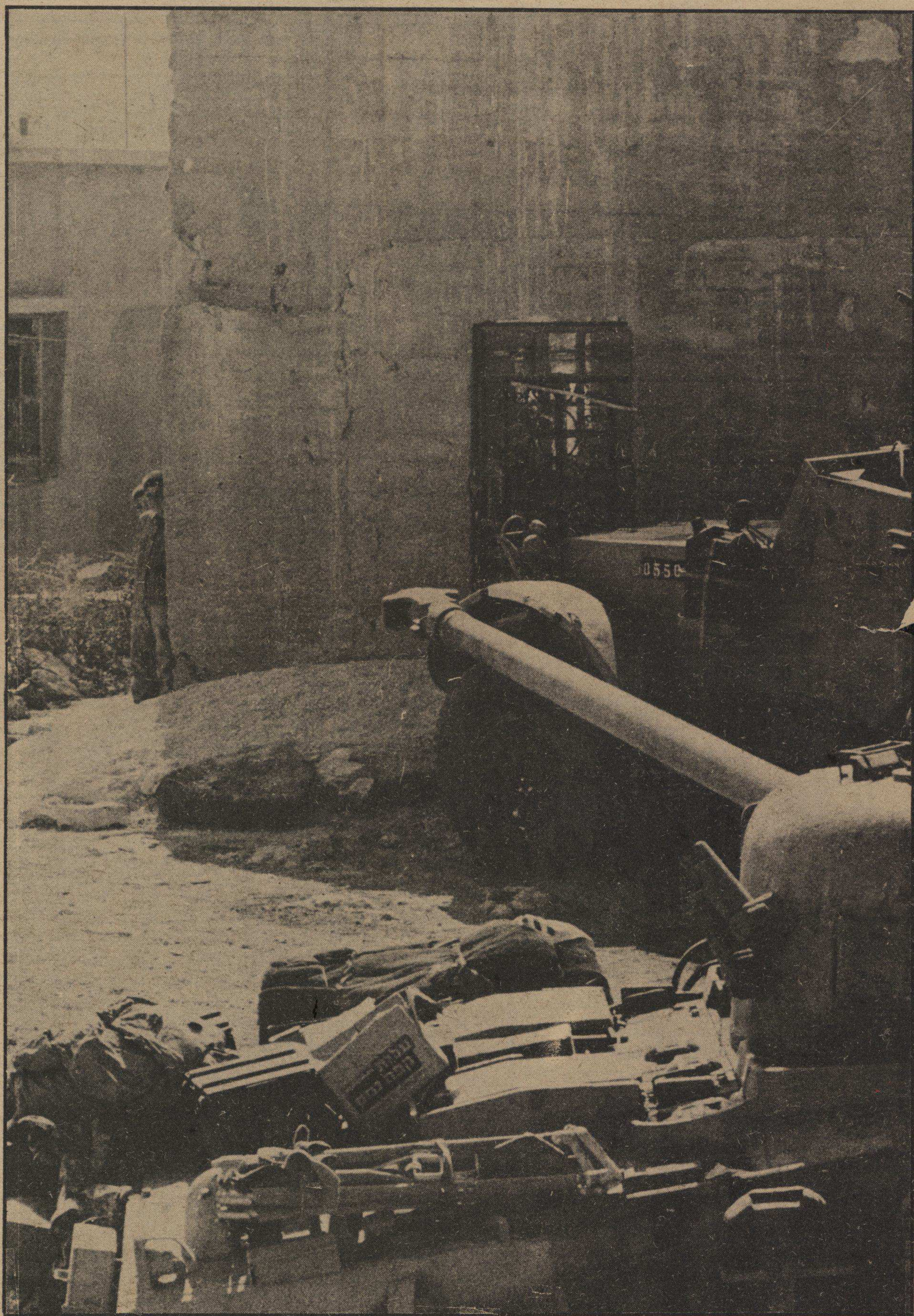


Foto de Assis Hoffmann/Montanhas do Golán. Outubro de 1973. Maq. NIKON-F/Tele ZOOM 80-200 MM/Filme TRI-X/Velocidade 500/Diagrama 11

O jornalista entre a sua ética e os interesses da empresa

Uma surpresa neste aniversário

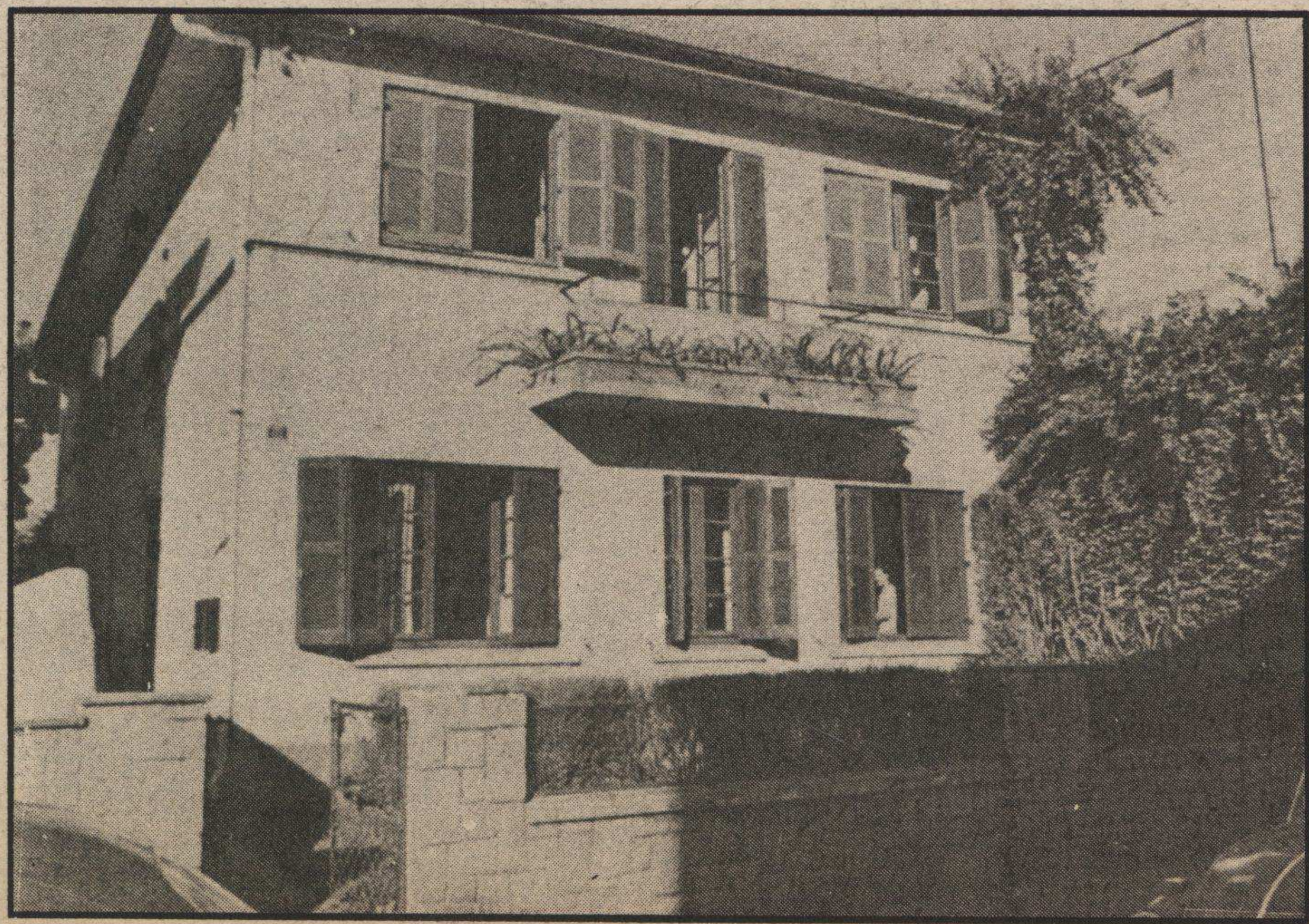
Quando o Jornal do Inter foi lançado, em 15 de novembro do ano passado, não foram poucas as pessoas que previram o seu fechamento para depois de quatro ou cinco números. Este mês ele completa um ano e tem como saldo favorável não apenas a façanha de ter sobrevivido, mas também o fato de ser o mais robusto entre os filhos da Cooperativa dos Jornalistas de Porto Alegre.

Como foi possível isso, se várias outras tentativas semelhantes feitas antes fracassaram? Jorge Polydoro, um dos idealizadores do jornal, explica: "Em primeiro lugar porque o jornal adotou uma fórmula nova. Os jornais feitos para o clube anteriormente faziam mais torcer para o Inter do que informar sobre o Inter, usavam mais a emoção do que a informação. Nós entendemos que a torcida sabe torcer, ninguém precisa ajudá-la nessa tarefa, nem ninguém pode ser mais colorado do que ela. O que a torcida talvez necessitasse era de um jornal que além de registrar tudo o que o Inter faz ou o que ocorre com ele, trouxesse também informações novas, os aspectos mais íntimos do time, coisas que não se encontram em jornal nenhum. E que fosse honesto, não fugindo nem dos fatos mais constrangedores para o clube como foi a briga de Gilberto Medeiros e José Asmuz, na tv. Então fizemos o jornal assim e, parece, estávamos certos."

O Jornal do Inter está com duas mil assinaturas, tiragem variando entre 10 e 15 mil exemplares. Entre suas glórias conta com um Prêmio Associação Riograndense de Imprensa de Jornalismo, de 1974, ganho com uma matéria sobre o Escurinho publicada no primeiro número, a edição especial do hepta campeonato, da qual sobraram 150 exemplares de um total de 15 mil, e algumas cartas penduradas na parede da redação como troféus. Uma delas é da Polônia, a outra da Colômbia, outra dos Estados Unidos, de Belém, de Recife, etc, todas de colorados distantes que escrevem agradecendo pelas alegrias que o jornal leva até eles.



Três momentos do JI: o primeiro número, a edição do hexa e a do heptacampeonato



Comendador Coruja, 372, a casa da Coojornal



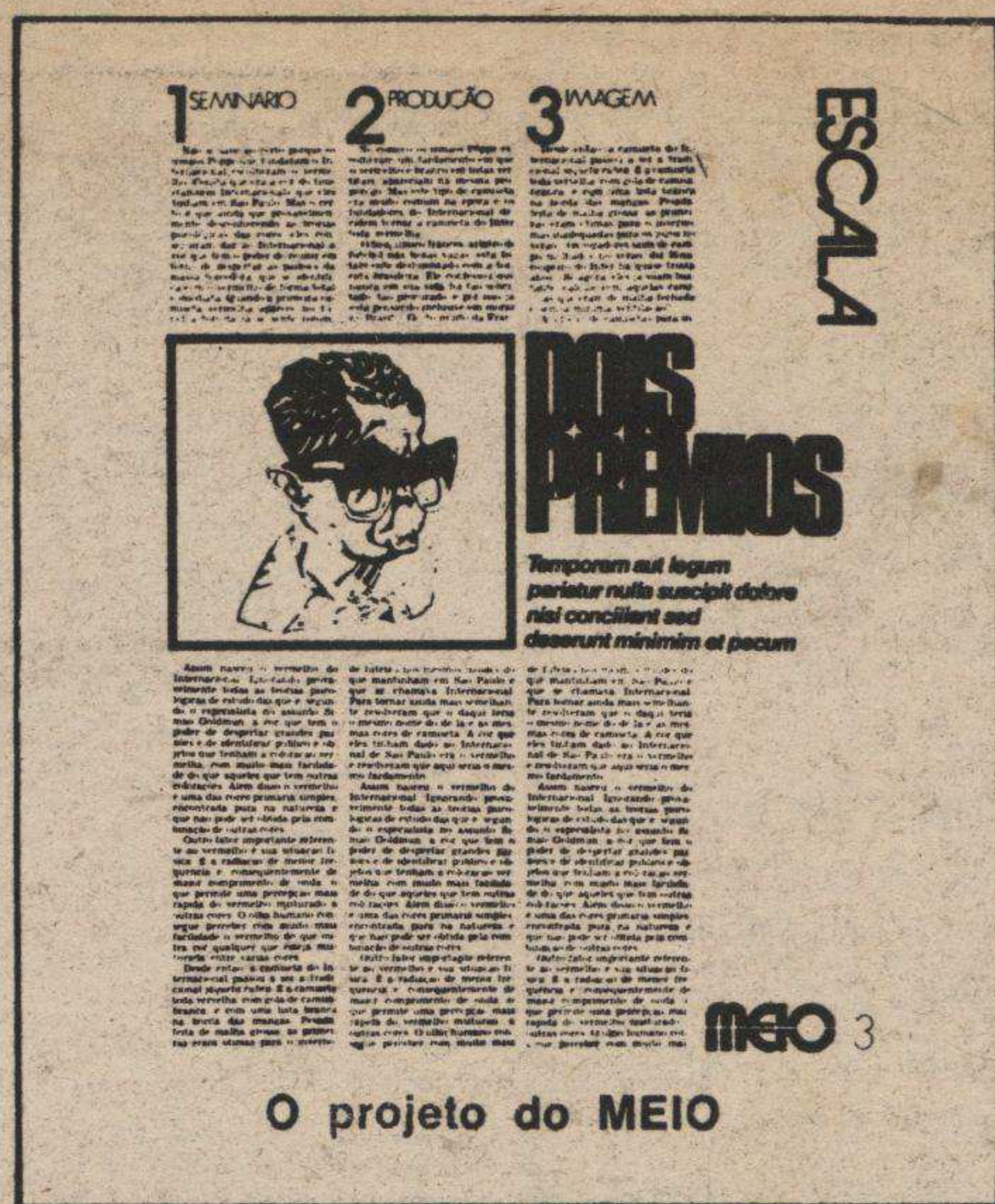
Com mais jeito de jornal, o Bancário faz sucesso

Um casarão com ameixeiras e jardim florido

A Cooperativa agora está ocupando também o andar térreo do casarão da Comendador Coruja. Durante um ano, a casa foi dividida com a Banner Publicidade, que em setembro último decidiu mudar-se. A Coojornal, que já não tinha lugar para mais nada nas sete peças de cima (até o banheiro já estava sendo utilizado como arquivo), candidatou-se a todo o prédio. Agora estamos folgados. E além de mais espaço interno ganhamos um belo pátio, com abacateiros, ameixeiras, uma parreira, uma churrasqueira e um jardim florido.

Como falar de seguros sem complicações

O redator e os dois repórteres que fazem o Boletim Informativo União, para a Companhia União de Seguros Gerais, estão cheios de entusiasmo: o sucesso do primeiro número do BIU foi tanto que a empresa mandou aumentar a tiragem de cinco para seis mil exemplares. O BIU, que circula de dois em dois meses entre os corretores e clientes da União, traz uma concepção um pouco diferente dos jornais de empresa. É graficamente bonito, bem cuidado e substitui a linguagem especializada e difícil por textos curtos simples e claros. No seu conteúdo, informações técnicas e de aspecto geral sobre o mercado de seguros e notícias ligadas direta ou indiretamente à Companhia União.



O projeto do MEIO



O Boletim Informativo União aumentou a tiragem

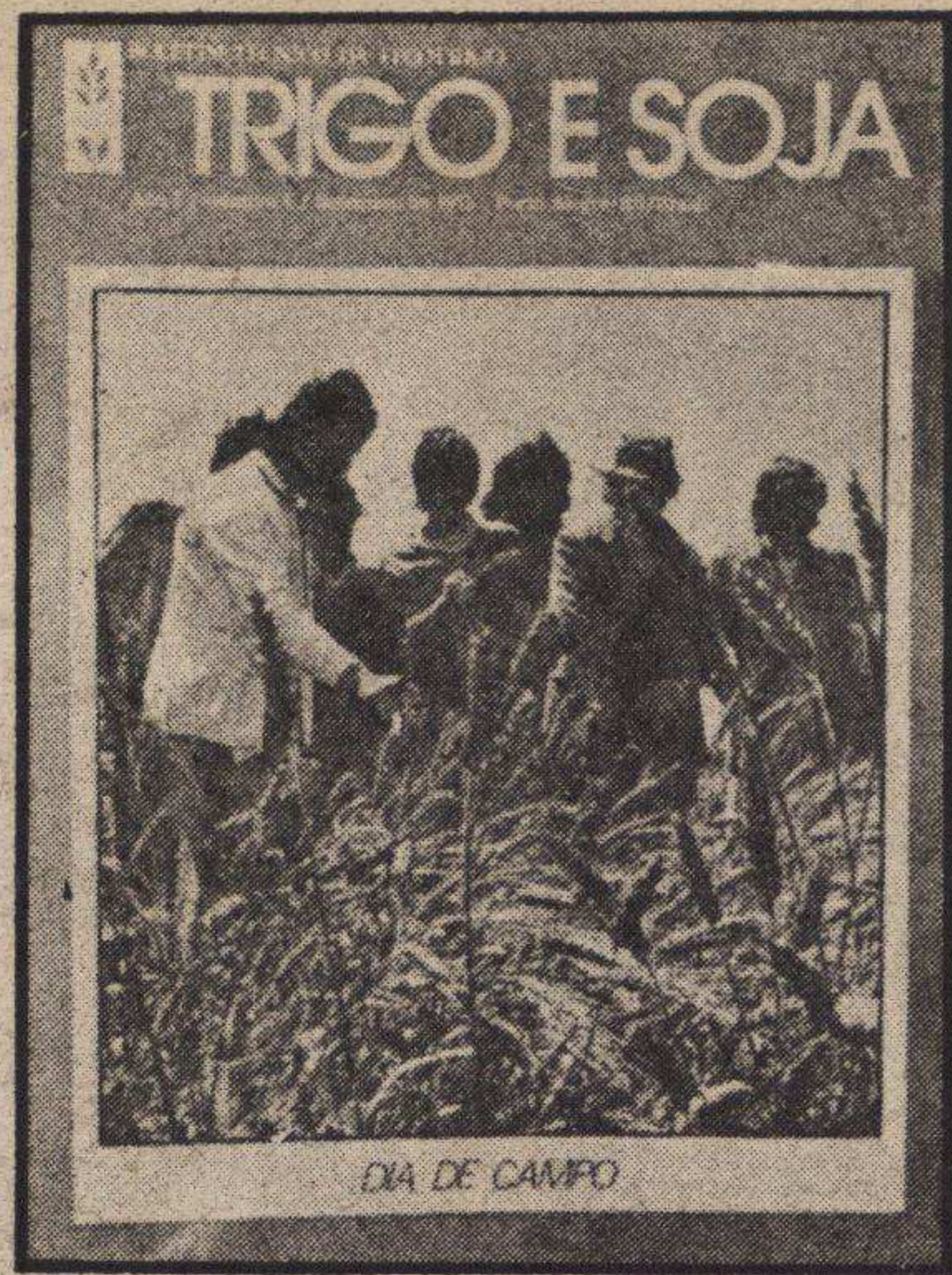
O sucesso de um boletim que virou jornal

O Bancário, feito por uma equipe da Coojornal para o Sindicato dos Bancários de Porto Alegre, passou de boletim a jornal. Agora está com oito páginas, tamanho tablóide, impresso em rotativa, mais de acordo com as informações que veicula. A aceitação do jornal entre os bancários, que o recebem gratuitamente, é cada vez maior, obrigando o aumento de tiragem a cada edição. O Bancário está em sua quinta edição mensal.

Notícias e discussões sobre a publicidade

Ainda neste mês sai o primeiro número do MEIO, jornal para publicitários da agência Escala. Com uma linha editorial bem definida, e análise crítica da propaganda, no primeiro número na página central é questionada a ética publicitária. O MEIO traz também notícias diversas sobre o mercado gaúcho da propaganda e entrevista clientes, principalmente aqueles que se preocupam em anunciar corretamente as qualidades de seus produtos. O projeto gráfico do jornal, utilizando e jogando com os claros e com matérias em corpo dez, atrai e facilita a sua leitura.

E, completando sua proposta gráfica, MEIO traz muitas ilustrações, retratos caricaturados e reproduções de anúncios.



Trigo e Soja, o boletim técnico da Fecotrig

Publicação para técnicos e agrônomos

Circulando entre os técnicos e agrônomos das cooperativas agrícolas do Rio Grande e de outros Estados o quarto número do boletim Trigo e Soja, publicação especializada da Federação das Cooperativas Brasileiras de Trigo e Soja (Fecotrig). O boletim divulga mensalmente os resultados de pesquisas feitas no âmbito da Fecotrig e é editado sob a responsabilidade do Departamento Técnico daquela Federação. A Coojornal cuida da apresentação gráfica, da revisão e da produção em geral.

COOJORNAL

No dia 23 de agosto de 1974, sessenta e seis jornalistas de Porto Alegre reunidos na Associação Riograndense de Imprensa fundaram a Coojornal — a primeira cooperativa de jornalistas dopaís. Estavam reunidos por alguns problemas objetivos como o restrito mercado de trabalho, as limitações e o imobilismo das grandes empresas jornalísticas e por um desejo que é comum a todo o jornalista em determinado momento — o de ter o seu próprio jornal.

Para começar, contando com um capital de 45 mil crzheiros formado por quotas de 350 cruzeiros subscritas pelos associados (no mínimo uma quota, no máximo 1/3 do total), a Coojornal dividiu seus planos em duas etapas. Na primeira procuraria organizar-se para prestar serviços a terceiros, formando uma equipe de bons profissionais capaz de realizar qualquer tarefa no campo jornalístico — desde trabalhos avulsos de texto, fotografia e planejamento gráfico e editorial até a execução de jornais e revistas para empresas, entidades de classe, etc.

Na segunda etapa, que só seria desencadeada quando as metas da primeira estivessem cumpridas, cuidaria de planejar e lançar o seu jornal. Hoje, com



Em agosto de 74, a assembléia de fundação da Cooperativa

pouco mais de um ano de existência, a Coojornal tem quase 200 associados, um capital de 500 mil cruzeiros, edita o Jornal do Inter, uma publicação dirigida mas de sua propriedade, e cinco jornais para empresas além de prestar serviços gráficos e editoriais a várias outras. Tem uma equipe permanente de editores, redatores,

repórteres, fotógrafos, planejadores gráficos e pode dispor, entre os seus associados, dos serviços dos melhores profissionais de cada área, no Estado (veja página 7).

Este boletim surge no momento em que a Coojornal começa a planejar o seu veículo próprio, que será um semanário in-

formativo, com ênfase na análise e na interpretação. Visa manter os associados em dia com todas as atividades da cooperativa, especialmente com esse processo que vai se desenvolver até fins de marco, início de abril,, quando circulará o jornal. Mas não vai ficar só nisso. A imprensa brasileira e, conseqüentemente a gaúcha, está entrando numa fase de grandes transformações em função de uma série de fatores. E a Coojornal, como entidade que congrega quase duas centenas de profissionais gaúchos, basicamente preocupados com a saúde da imprensa e da função jornalística, quer tomar parte nesta mudança, discutindo, analisando, informando, criticando.

Este primeiro número já proporcionou algumas experiências que indicam que não será fácil veicular informações e opiniões sobre jornais e jornalistas. Por incrível que pareça, os homens ligados à imprensa têm se mostrado os mais inclinados a sonegar informações. De qualquer maneira faremos o possível para que o boletim chegue quinzenalmente as mãos dos jornalistas, publicitários, estudantes de comunicações e comunicadores em geral com entrevistas, debates muitas informações sobre os profissionais, sobre veículos e áreas afins.



Adote um problema.

Ecologia, mais do que um problema, hoje é moda. Corta árvore, planta árvore, polui daqui, filtra de lá, corre pro campo no fim-de-semana, respira fundo, volta pra cidade e encontra a casa arrumadinha. Pra que? Amanhã, a moda vai ser outra. Só o que não entra na moda é adotar crianças. Claro, exige bem mais do que um pedacinho de terra e alguém pra regar de vez em quando. Exige um amor todo humano. Porto Alegre tem mais de 60 mil crianças carentes. Todas precisando de um lar que lhes dê abrigo e carinho. Todas querendo chances de ser um pivete a menos, na história pálida dos jornais. Você pode mudar o destino de uma delas. Não entenda esse apelo como coação, mas a criança que você adotar hoje não assaltará ninguém, nunca. Principalmente se você agir logo. Adote este problema. Ele teve dor na barriguinha, à noite passada. Era pura fome.

Escala Publicidade

Mais diálogo e menos horror às críticas

O impasse do jornalista latino americano, conseguir que a comunicação seja um instrumento de toda a sociedade e não apenas um instrumento de diálogo entre grupos de poder, foi tema de debate entre os especialistas que participaram em Porto Alegre no mês de agosto. do IV Encontro Internacional de Estudos de Jornalismo para a América Latina (Ciespal). A conclusão da maioria dos participantes do Encontro: O jornalista profissional, na maioria dos países da América Latina, obedece quase sempre a ética da empresa onde trabalha e não a de sua profissão.

Alberto Juan Verga, professor da Universidade de La plata, na Argentina, diz que "a ética profissional do jornalista está prensada entre o interesse dos donos da imprensa e seu papel de subordinado. Por isto ele é levado a veicular os interesses da empresa que nem sempre, ou quase nunca, o são da maioria da população". Carlos Bustamonte, da mesma Universidade, acha que "é difícil ao jornalista fugir deste impasse — empresa/situação de subordinado — porque, sendo um trabalhador intelectual, condicionado pelo meio social em que trabalha, muitas vezes é obrigado a escrever artigos que não sente ou com os quais não concorda".

Com uma tiragem mensal de 53 mil exemplares — metade distribuída entre trabalhadores e o restante vendido em bancas — a revista **Dynamis**, do Sindicato Luz y Fuerza da Argetina é uma das poucas experiências práticas de como o público pode aumentar o controle sobre os conteúdos dos meios de comunicação. Alberto Juan Verga, chefe da redação da **Dynamis** explica os objetivos da publicação: "É a única revista de sindicato argentina, que o público pode adquirir em bancas. A linha editorial defende os interesses da maioria da população do País,

constituída de trabalhadores. Por isto, nosso plano editorial prevê análises e pesquisas sociais. O esporte ocupa pouco espaço e recebe tratamento diferente.

Os dois jornalistas concordaram num ponto: a estatização dos meios de comunicação seria uma das formas de fazer todos os setores da população representados nos assuntos a serem levados ao público. Mas, para Bustamonte, antes de tudo, deve existir "uma política nacional de comunicação, objetivando bem para quem serve e para o que serve. E dentro desta política nacional de comunicação, o jornalista deve levar seu trabalho adaptado à realidade econômica política e social da América Latina".

O EXEMPLO PERUANO

Citada como exemplo de popularização dos meios de comunicação, a setorização da imprensa peruana acabou não resolvendo a participação da população no conteúdo veiculado. Carlos Parra Marzon, professor de jornalismo da Univerisdade de San Marcos em Lima, que também participou do encontro do Ciespal, diz que "antes os jornais veiculavam os interesses dos donos das empresas, agora, os do governo. O povo ainda está fora. Mas, o argentino Carlos Bustamonte acha que "ainda não se pode dizer que a experiência deu ou não resultado. É muito cedo. Mas a defesa da linha oficial do governo nos jornais foi normal, porque foi ele quem possibilitou o acesso de associações populares nos meios de comunicação.

N. R.: Naquela época, o governo peruano ainda não tinha devolvido o controle dos jornais a seus antigos proprietários.



edgar vasques.

cooJORNAL

COOPERATIVA DOS JORNALISTAS DE PORTO ALEGRE

Rua Comendador Coruja, 372,

Porto Alegre, RS - Telefone 24-0951

Composição: LETRARTE Fotolitos e Impressão: Gaúcha Gráfica Editora Jornalística Ltda.

DIRETORIA

Presidente: José Antônio Vieira da Cunha
Vice-Presidente: Luís Cláudio Cunha
Secretária: Rejane Baeta

CONSELHO ADMINISTRATIVO

Carlos Henrique Bastos
Danilo da Silva Ucha
Jorge Olavo de Carvalho Leite
Suplentes:

José Félix Valente
Victor Hugo Sperb
Sérgio Caparelli

CONSELHO FISCAL

Antonio Britto Filho
Luís Francisco Terra Júnior
Érico Valduga

Suplentes:

João Borges de Souza
Tomás Irineo Pereira
Carlos Fernando Karnas

CONSELHO EDITORIAL

Elmar Bones da Costa
Gerson Schirmer
Jorge Polydoro
Luís Cláudio Cunha
Rosvita Saueressig

ADMINISTRAÇÃO

Cláudio Dios V. da Cunha (gerente-administrativo), Iná Terezinha Novo (secretária), Valmório Oliveira Rios e Fernando Conceição (Comercial)

EDITOR RESPONSÁVEL

Elmar Bones da Costa

REDAÇÃO — Adélia Yates Porto da Silva, Ademar Vargas de Freitas, Afonso Ritter, Anamaria Souto Torres, Angela Beatriz Zydan Riccardi, Antônio Britto Filho, Antônio Dreon Peres, Arthur Monteiro, Carlos Alberto Kolecza, Carlos Henrique Bastos, Carlos Urbim, Carlos Mosmann, Celson Antonio da Rosa, Claiton Selistre, Clarice Aquistapace da Silva, Cláudio Barcelos, Danilo Ucha, Delmar Marques, Fernando Albrecht, Érico Valduga, Erni Quaresma, Euclides Torres, Floriano Soares, Gládis Ibarra, Imara Stallbaum, Jandira Maria César, João Borges de Souza, Jorge Olavo de Carvalho Leite, José Antonio Vieira da Cunha, José Antonio Ribeiro, José Félix Valente, Licínio de Azevedo, Luiz Carlos Merten, Luiz Cláudio Cunha, Luiz Francisco Terra Júnior, Luiz Gonçalves da Fonseca, Maria Angélica de Moraes, Maria Wagner, Marina Wodtke Abu-Jamra, Mário Marcos de Souza, Marques Leonam Cunha, Nirce Goyman, Osmar Trindade, Otacílio Grivot, Paulo de Tarso Riccardi, Paulo Gerson de Oliveira, Pedro Maciel, Regina Vasquez, Renato Pinto da Silva, Rosvita Saueressig, Sérgio Moita, Silmar Müller, Tomas Irineo Pereira, Walter Molina, Hermelindo Macedo, Clóvis Malta, Omar de Barros Filho, João Carlos Ferreira da Silva, Lenora Maria Vargas, Divino Fonseca, Eva Maria de Castro, Maristela Bairros, Luiz Vitello, Telmo Cunha Zanini, Iara Bendati, Afonso Licks, Rogério Mendelski, Victor Hugo Sperb, Ana Amélia de Lemos, José Onofre, Alber-

to André, Alberto Blum, Flávio Vieira Dutra, Jorge Roberto Martins Freitas, Renan Antunes de Oliveira, Antonio Gonzalez, Mário Villas-Boas da Rocha, João Batista Aveline, Dorival Pacheco, José Lauro Dieckman Siqueira, Rejane Baeta, Fernando Lemos Goulart, Paulo Burd, Agnese Schifino, Carlos Salzano, Laila Pinheiro, Mari-nória Schilling Osório, Hélio Gama, Geraldo Hasse, Gilberto Pauletti, Jorge Escosteguy, Luiz Matzenbacher, Olyr Zavaschi, Flávio Porcello, Virson Holderbaum, Carlos Fehlberg, Jussara Cecilia Coelho, Luiz Paulo de Pilla Vares, Paulo Maciel, Luiz Afonso Franz, André Pereira, Eugênio Bortolon, Mário Luiz Madureira, Roberto Mainera, José Antonio Simch da Silva, Sérgio Caparelli, Lauro Quadros, Marcelo Oscar Lopes, Antônio de Oliveira, José Antonio Pinheiro Machado, Sílvia de Souza Costa, Judith Martins Costa, Sérgio Tonniello, Sérgio Becker, Roberto Alves D' Azevedo, José Erasmo Nascentes, Hipólito Vieira Pereira, Fernando Bueno, Edgar Lisboa, Edson Chaves Filho. Carlos Karnas, Valdir Paz, Ivan Pinheiro Machado, Maroni João da Silva, Vera Regina Monteiro, Amauri Mari de Melo, Paulo Garcia de Macedo, Marco Antonio Schuster, Otilia Goulart, Roberto Appel, Ivo Egon Stigger, Elaine Lerner, Alda Suzete Souza, Carla Irigaray, Tânia Barros, Tânia Jamar-do Faillace, Santa Irene da Rosa, Paulo Denis Pereira, Ayrton Kanitz, Pedro Garcia de Macedo, Terezinha Tellini Figueiredo, Ireforan Müller, Zélia Dambrowski Le-

al, Luiz Alberto Arteche, Neuza Maria Ribeiro, Marcos Antonio Baggio, Edna Della Nina, Armindo Antonio Ranzolin, Vilmo Medeiros, Paulo Poli, André Jockyman, Jayme Copstein, Raul Rübenich, Cintia Nahra Leal, Leonardo Berlese Dourado, João Paulo Lacerda, Luiz Fernando Silva, Verlaine Silveira, Adroaldo Spindola Correa, Vera Daial Barcelos, Sibyla Loureiro dos Santos, Maria da Graça Seligman, Humberto Andreatta, Christa Kuschick,

FOTOGRAFIA — Ricardo Chaves, Leonid Streliaev, J. B. Scalco, Carlos Rodrigues, Jaime Klintonitz, Sílvia Ferreira, Gerson Schirmer, Olívio Lamas, Sérgio Arnoud, Luís Abreu, Edgar Planella, Assis Hoffmann, Antonio Carlos Mafalda, Maria Eneida Serrano, Jacqueline Joner

ARTE — Jorge Polydoro, Julieta Nunes Pereira, Leo Tavejnhansky, Ademir Fontoura, Maria da Graça Guindani, Maria Inês Burger Marques, Lillian Bem David, Nilson Figueiredo, Jane Peters, Bigi Polydoro, Neuza Tasca e Carlos Milton de Góz Rios

CARTUNS — Edgar Vasques, José Guaraci Fraga, Cláudio Levitan, Sérgio Batsow

COLABORADORES — José Teófilo Abu-Jamra, Gumercindo Coitinho, Francisco Lopes.

Os jornais e a morte de Vladimir Herzog

Há muitos anos, o Estado de São Paulo e seu vespertino Jornal da Tarde são os únicos jornais brasileiros a dar boa cobertura a determinados assuntos. O fato se repetiu no episódio da morte do jornalista Vladimir Herzog, na última semana de outubro. Em Porto Alegre, quem deu melhor o assunto foi o Correio do Povo, que publicou todo o noticiário que recebeu da Agência Estado, seguido da Folha da Manhã, que embora tenha evitado abrir página, deu espaço razoável a cobertura. Na área de TV, surpreendentemente, o Jornal Nacional e o Jornal Amanhã conseguiram dar boas coisas.

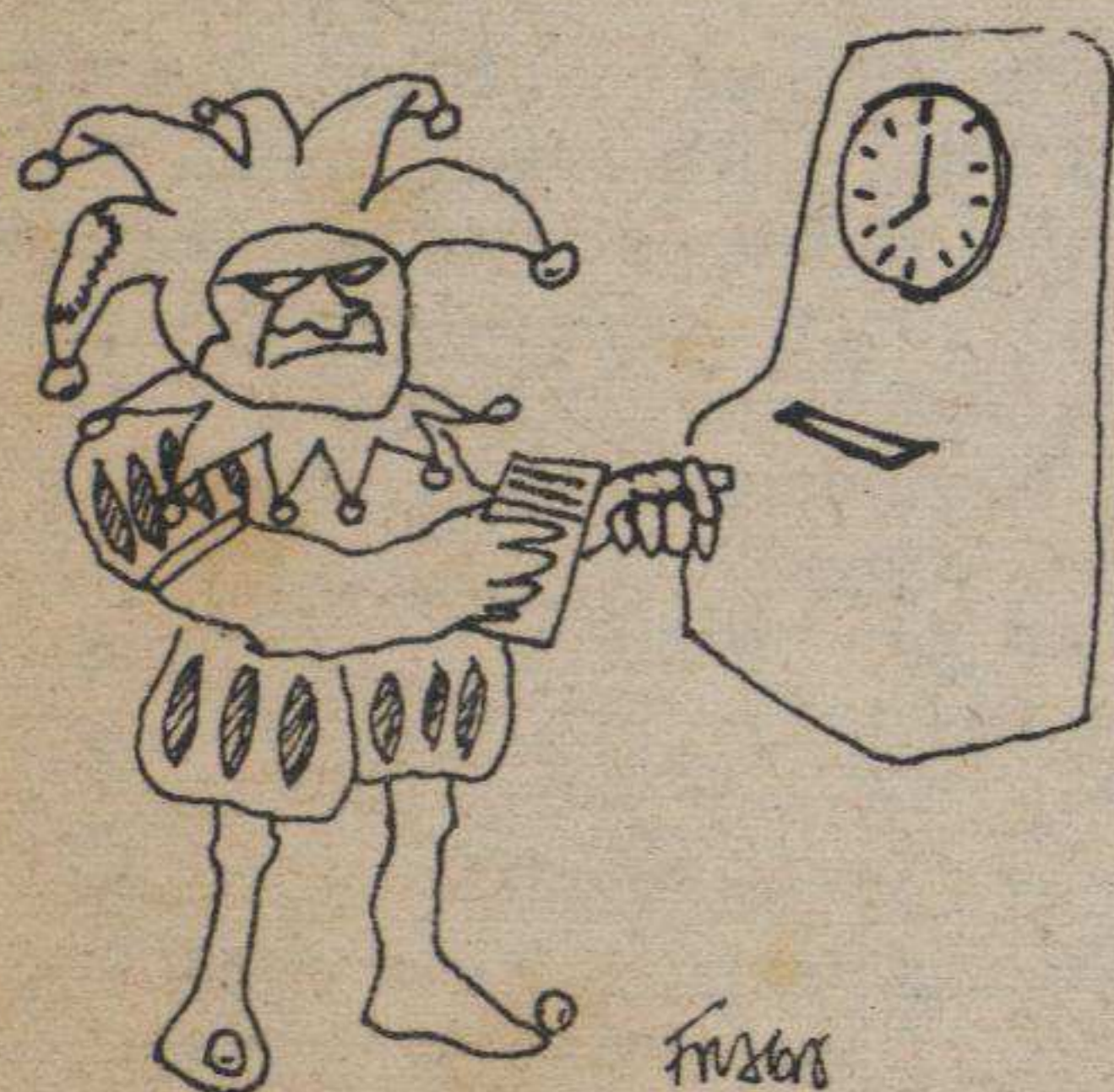
Nota dos gaúchos dá apoio ao Sindicato paulista

Ainda sobre a morte de Herzog, o Sindicato dos Jornalistas de Porto Alegre e a Associação Riograndense de Imprensa enviaram o seguinte telegrama a Audálio Dantas, presidente do Sindicato dos Jornalistas de São Paulo, que, diga-se de passagem, teve um comportamento irrepreensível no episódio: "Senhor presidente: As diretorias do Sindicato dos Jornalistas Profissionais de Porto Alegre e da Associação Riograndense de Imprensa associam-se às manifestações de pesar pela morte de Vladimir Herzog, enquanto preso em dependências do Departamento de Operações Internas do II Exército. Manifestam também o seu apoio à diretoria do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado de São Paulo, que gestiona para esclarecer, junto às autoridades, todos os fatos relacionados com a morte daquele profissional de imprensa e com as prisões de outros colegas da área de comunicação social. E assim o fazemos por um princípio de solidariedade humana e pela consciência de que é um dos deveres das entidades de classe zelar pela liberdade de imprensa e de informação e para que todos os jornalistas desenvolvam suas funções em clima de tranquilidade e segurança". Assinam João Borges de Souza, presidente do Sindicato dos Jornalistas de Porto Alegre e Antonio Firmo Gonzalez vice-presidente da Associação Riograndense de Imprensa.

Nova lei para cartunistas e desenhistas

No último dia 6, quinta-feira, um projeto-de-lei foi apresentado ao Congresso Nacional pelo Senador Franco Montoro, líder da Oposição no Senado. O projeto prevê a regulamentação da profissão do **desenhista gráfico** (este é o termo usado por Montoro), que compreende as funções de cartunista, ilustrador e diagramador.

REGULAMENTAÇÃO:



CHEFE É CHEFE

"No dia-a-dia da redação do jornal, cada minuto é um degrau da escada imaginária que o levará à glória. Por isso o puxa-saco vive medindo as palavras que diz, espreitando os movimentos descuidados dos outros, sempre atrás de mais uma oportunidade para demonstrar ao chefe — cuja casa frequenta, senhor de seus mais íntimos problemas — o quanto é servil, o quanto sua consciência está disponível. Mas, atento às migalhas, voeja em torno da almejada cadeira como uma obsequiosa, prestativa e gulosa mosca de confeitaria..."

"Nessa luta, seja qual for o resultado ele se revela porém um exímio manipulador das fraquezas e favores alheios. Em desajuste permanente com o meio profissional só se aproxima dos colegas para espionar para colher informações que reforçarão sua posição diante do chefe. E quanto mais consolida essa posição, mais ostensivo ele torna o afastamento dos companheiros, já ensaiando a empostação que terá no futuro, se premiado por sua dedicação".

(Trechos do artigo "Chefe é chefe", de Alfredo L. Gusmão, publicado no último boletim da ABI, cuja leitura recomendamos).



Projeto corrige a legislação dos jornalistas

Os presidentes dos sindicatos de jornalistas de São Paulo, Brasília e Porto Alegre entregaram aos ministros do Trabalho, Comunicação e Educação o projeto de lei aprovado na 10.ª Conferência Nacional da classe realizada em Porto Alegre de 18 a 21 de julho. O projeto visa corrigir vários pontos da legislação sobre o exercício da profissão jornalística considerados pelos sindicatos como indefinidos ou prejudiciais a classe. O mais importante deles diz respeito a remuneração dos profissionais que tem seus trabalhos reproduzidos em mais de um veículo (caso típico das empresas que tem agências noticiosas) e que nada recebem por isso. No projeto, os sindicatos estipulam que o profissional deverá receber em caso de reprodução do seu trabalho em outro jornal além daquele em que trabalha, uma remuneração equivalente a 80 por cento do seu rendimento diário. E ele deverá receber essa remuneração mesmo nos casos em que o seu contrato com a empresa preveja a reprodução ou divulgação da sua produção intelectual ou artística. Outros pontos a que o projeto faz reparos são: 1) a situação dos jornalistas provisionados nos estados onde existem faculdades de comunicação (estipula que apenas onde não existam estas escolas seja permitido o provisionamento, ou seja, o registro para quem não tem o curso superior); 2) a criação de escolas de Comunicação nos Estados onde elas já existem e a falta delas em estados importantes da União como Santa Catarina, Mato Grosso e outros; 3) a irregularidade dos cursos de redator técnico de nível médio, em clara contradição com o que estabelece a lei 972, que regulamenta a profissão; 4) a definição da função de colaborador jornalístico atualmente muito confusa o projeto prevê que só possa ser considerado colaborador quem atuar em área técnica, científica ou religiosa e sem qualquer vínculo com a empresa.

O humorista saiu mas a coluna continua

Dois novos humoristas na praça: Edmundo Soares (também secretário da Folha da Tarde) e Adil Borges Fortes, o Hilário Honório da mesma FT. Os dois estão ocupando interinamente a coluna humor "Olha a Folha" que era feita por Carlos Nobre, na penúltima página da FT. Quanto ao Nobre, retornou às origens: está na Zero Hora, na TV Gaúcha e na rádio Gaúcha onde começou sua carreira há algumas décadas.



Dois recados para os nossos associados

- 1) O pagamento das parcelas da compra de quotas pode ser feito em qualquer agência do Banco do Estado do Rio Grande do Sul. E não é preciso esperar o aviso de vencimento para comparecer com a grana; basta chegar no banco, dar o nome e dizer que quer pagar um título em nome da **Cooperativa dos Jornalistas de Porto Alegre**. Em tempo, as parcelas vencem no dia 15 de cada mês (a primeira venceu em agosto).
- 2) Quem mudar de endereço faça o favor de perder dois minutinhos e avisar pelo 24-09-51 o novo domicílio. É importante.

Trânsito

● A ÚLTIMA HORA

Durante quase dois meses um grupo de jornalistas de São Paulo, liderados pelos gaúchos José Antonio Severo e Belmiro Soutier, discutiram com Ari de Carvalho, dono da Última Hora do Rio, um plano para reformulação do jornal. Pretendiam contratar uma equipe altamente qualificada e entrar pra valer na classe média da zona sul (atualmente o jornal tenta firmar-se entre os funcionários públicos) com um jornal arrevistado. No entanto, quando muita gente, inclusive aqui de Porto Alegre, já estava convidada e alguns até já haviam saído dos seus empregos para ir para o Rio o negócio deu em nada: numa reunião para ultimar as coisas, o dono do jornal e os líderes do grupo não chegaram a um acordo sobre as relações do departamento comercial e a redação. Severo, que depois de chefe-de-redação da Folha da Manhã, já foi diretor executivo da revista Exame e repórter de O Globo, continua na chefia da sucursal carioca da Gazeta Mercantil e Belmiro Soutier voltou à sua função de copy no Jornal da Tarde. E a Última Hora continua lá, tentando falar ao funcionalismo público.

● PAGINA SEIS

Luis Fernando Veríssimo é outro que retornou para a Zero Hora, onde iniciou sua carreira de cronista. Levou para o outro lado do riacho Ipiranga a sua coluna da página seis da "Folha da Manhã" e está na mesma página seis em ZH (com patrocínio de Manlec). E, duas vezes, por semana (domingo e segunda) no jornal do Brasil. O antigo lugar de Veríssimo na Folhinha ainda não tem ocupante definitivo: Janer Cristal do que passou a fazer a crônica diária em substituição ao LFV ocupa o espaço em caráter experimental.

● REPORTAGEM

Kenny Braga é o novo chefe de reportagem de O Globo, em Porto Alegre, Kenny já fez cronista e redator de Folha da Tarde, Zero Hora e do extinto Hoje e ultimamente era repórter da sucursal do Estado. Para a sua vaga no Estadão foi João Carlos Ferreira da Silva, o Joca, que saiu da FM.

● PUBLICITÁRIO

Outra vez publicitário, o Guaraci Fraga, ex-produtor da Êxitus. É redator da Laufer & Dalke, depois de ter assinado por quase um ano uma coluna de humor na FM (Bugangas), revelado alguns bons cartunistas como editor de "Qaudrão" na mesma FM e de uma rápida passagem pelo departamento de Promoções da RBS.

● DIAGRAMAÇÃO

Ex-radialista, ex-fotógrafo, ex-repórter, ex-diagramador, ex-editor, Julio Mariani fazendo um trabalho paciente no Correio do Povo onde tenta introduzir a prática da diagramação. O caderno especial da edição de domingo do CP já tem nítidos sinais da atuação do Mariani.

● DOIS NA TV

Osmar Trindade, ex-secretário da Folha da Manhã, assumiu a chefia de reportagem da TV Gaúcha, canal 12. Trindade começou a trabalhar na

Platéia de Livramento, depois esteve no Jornal da Semana e na chefia de reportagem da sucursal de o Globo. Esta é a sua primeira experiência em TV.

Também da leva que saiu da FM, José Antonio Vieira da Cunha, está como redator do Jornal da Noite, da mesma TV Gaúcha.

Os que saíram

Estes são os 21 que saíram da Folha da Manhã, com os cargos que ocupavam. Sete foram demitidos e os demais pediram demissão, segundo informação de Osmar Trindade, o ex-secretário do jornal.

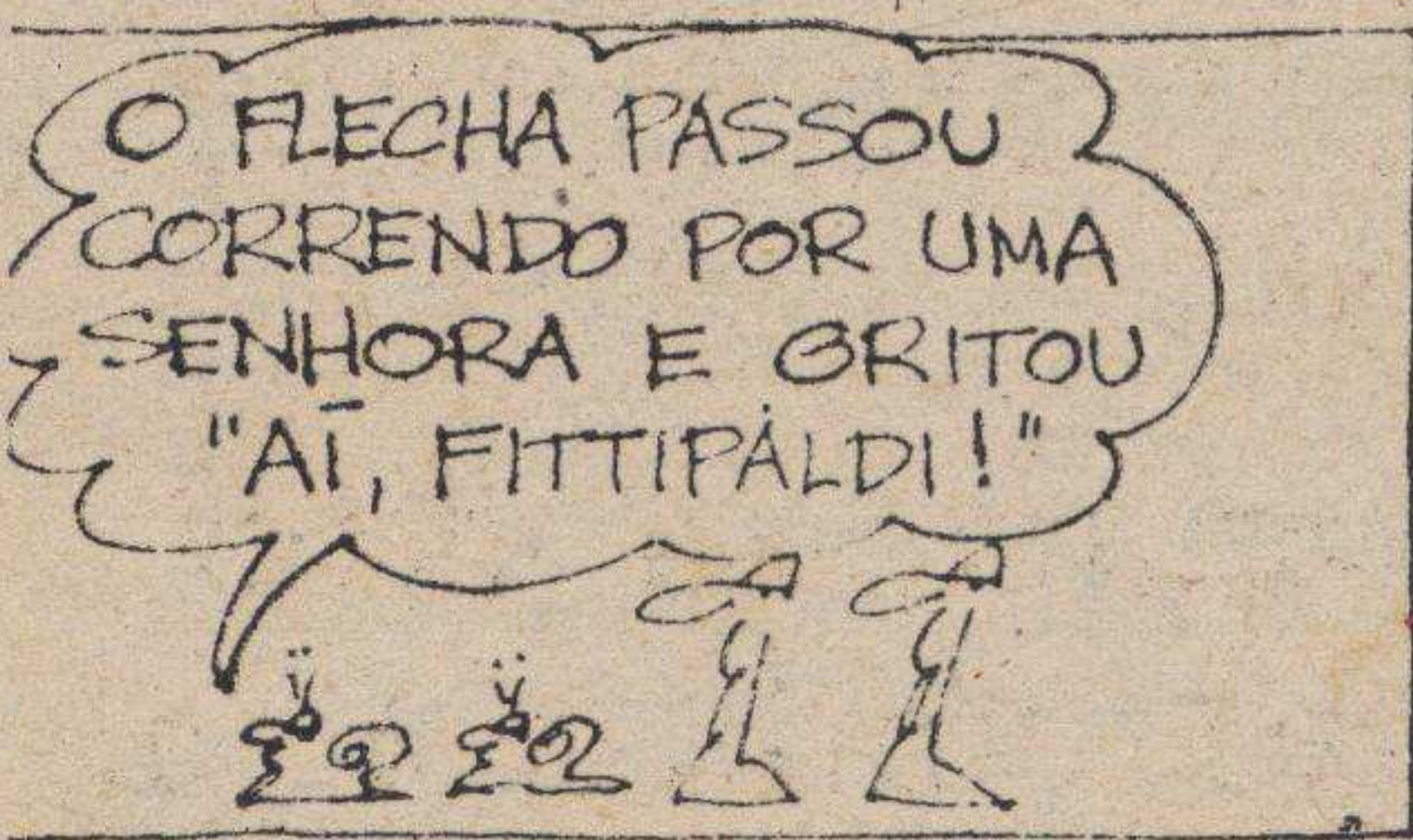
- Ruy Carlos Ostermann — diretor responsável
- Osmar Trindade — secretário de redação
- Vitor Hugo Sperb — chefe de edição
- José Antonio Vieira da Cunha — editor
- Licínio de Azevedo — editor
- Carlos Urbim — editor
- Felix Valente — editor
- João Carlos Ferreira da Silva — editor
- Lenora Vargas — sub-editora
- Fenato Pinto da Silva — redator
- Marina W. Abu-Jamra — redatora
- Nei Duclós — redator
- José Antonio Simch da Silva — redator
- Dorival Pacheco — redator
- Telmo Cunha Zanini — repórter
- Vera Teresa Costa — repórter
- Gilberto Rocha — repórter
- Caco Barcelos — repórter
- Edgar Vasques — chargista
- Luis Fernando Veríssimo — cronista
- Ines Bernau — secretária executiva

Os que entraram

Estas são as principais substituições no quadro de redação da FM. Entre parêntesis, ao lado do nome das pessoas que entraram, está o emprego (ou empregos) anterior de cada uma delas.

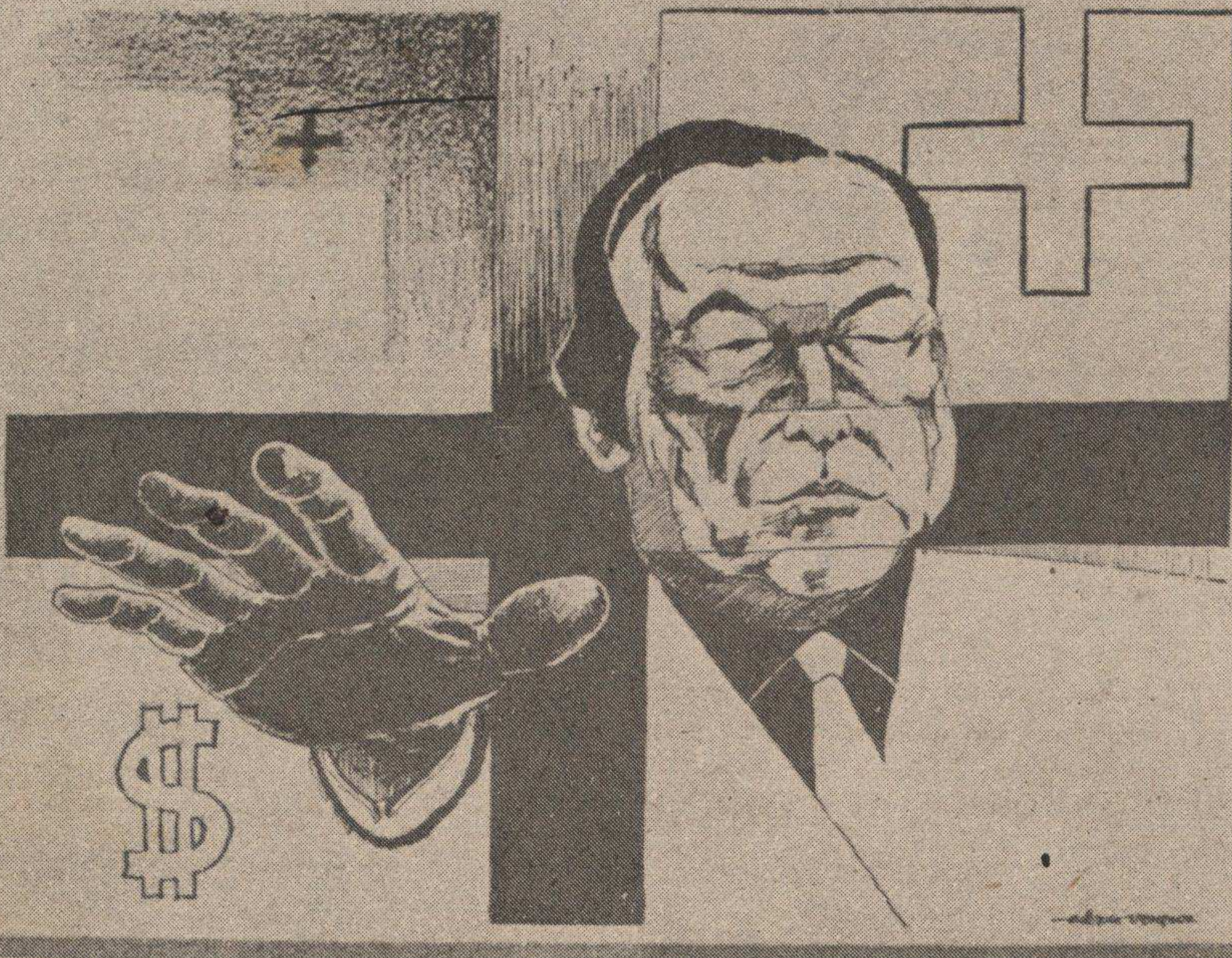
- Francisco Antonio Caldas — diretor
- Valter Galvani (sub-secretário do Correio do Povo, chefe da Assessoria de Comunicação Social do Palácio Piratini) — secretário de redação
- Núbia Silveira (assessoria de Imprensa da Secretaria Estadual de Turismo e redatora do departamento de telejornalismo do canal 12) — sub-secretária
- Helena Renau Lemos (assessoria de imprensa da DRT) — Editora de Serviço
- João Ferreira Neto (chefe de Produção da Caldas Júnior) editor de Polícia
- Sérgio Toniolo (repórter FM), editor de Esporte
- Carlos Alberto Pimentel (repórter) Editor do noticiário nacional.
- Iara Maria Rech (ex-repórter de Exame), editora de Economia.
- Tomás Irineo Pereira, que era editor de economia, passou a editor de texto,
- Ronaldo Westermann passou a fazer a charge da página 2, no lugar de Edgar Vasques, e Janer Cristaldo, ex-redator de ZH, autor de um livro ("Paráíso Sexual Democrata") sobre a Suécia, onde viveu um ano, ocupou a vaga de Luis Fernando Veríssimo na página seis. As substituições a nível de repórteres e redatores até o dia 31 de outubro não tinham sido efetivadas. Segundo muitas pessoas estavam trabalhando nestes setores em regime de teste.

● Veríssimo, um dos que saíram



O ESCÂNDALO NOS HOSPITAIS

A comprovação das denúncias contra Jahyr Boeira de Almeida, proprietário dos hospitais Nossa Senhora da Conceição, Cristo Redentor e Fêmea, de usar os pacientes para aumentar seus lucros, logrando o INPS com a falsificação de papéis. Nas páginas 10 e 11, os resultados das sindicâncias realizadas. Na página 12, o médico do INPS, Othon Meirelles, lotado no Cristo Redentor, revela como são cometidos os abusos.



FOLHA EM PELOTAS DUAS CRIANÇAS MORREM

Uma edição característica da FM dos últimos dois anos, denunciando as fraudes no Hospital Conceição

Mudanças na Folhinha

A redação da Folha da Manhã, o matutino tablóide da Caldas Junior está passando mais uma vez por fortes mudanças. Em uma semana, a partir do dia 15 de outubro, deixaram o jornal o diretor-responsável Rui Carlos Ostermann, o secretário de redação Osmar Bêssio Trindade, o chefe de edição Vitor Hugo Sperb, editores, redatores e outros, num total de 21 pessoas (numericamente, quase um terço da redação). A direção da empresa considerou o fato "uma questão interna" e não faz comentários a respeito. De qualquer modo, a causa imediata foi a demissão do secretário Osmar Trindade "por divergências em torno de uma matéria publicada no jornal", segundo o próprio Osmar. Para substituí-lo a direção da empresa indicou Valter Galvani, que já foi secretário da Folha da Tarde, exercia as funções de sub-secretário do Correio do Povo e de chefe da Assessoria de Imprensa do Palácio Piratini. A seguir, Rui Carlos Ostermann colocou o cargo a disposição e os demais pediram demissão (sete foram demitidos).

Em substituição a Rui Carlos, assumiu o próprio Francisco Antonio Caldas, diretor da empresa.

Embora Valter Galvani afirme que "a linha do jornal não vai mudar" os primeiros quinze dias da sua gestão indicam — apesar da preocupação de não perder o público jovem que FM conquistou — a adoção de uma linha mais branda, mais próxima dos outros órgãos da Caldas Junior do que do tom fortemente crítico que vinha caracterizando a "Folhinha" nos últimos dois anos. Se isto se confirmar, é razoável dizer que a Folha da Manhã, o mais novo dos órgãos da Companhia Caldas Junior, entra numa nova fase, a terceira desde a sua fundação em 1969. No começo, embora lançado como um "jornal jovem", ela era na verdade uma variante da antiga Folha Esportiva, com algumas páginas dedicada a um rápido noticiário geral e o restante ocupado por esportes. Em 1972, a empresa promoveu a primeira reformulação no jornal investindo na redação e invertendo a tendência — mais ênfase no noticiário geral e uma redução gradativa do esporte — buscando ainda o público jovem. Não há dados oficiais, mas são fortes os indícios que essa reformulação fortaleceu o jornal e resultou num considerável aumento da sua tiragem.

A nova fase deverá buscar a consolidação definitiva do jornal em termos de público e na parte publicitária. Por enquanto Galvani não quer falar de seus planos para conseguir isso: "Primeiro, diz ele, vamos pôr a casa em ordem".

"É uma pesquisa..."

Qual a posição da direção da Caldas Junior em relação à Folha da Manhã? Na entrevista de 25 minutos que deram a Ernani Behs, na TV Difusora, dia 4 de outubro, sobre os 80 anos do Correio do Povo, Breno Caldas e Francisco Antonio Caldas, os dois principais diretores da empresa, fizeram algumas observações sobre o jornal. Reproduzimos o trecho que aborda esse assunto:

Ernani Behs — Dr. Francisco Antonio, a Folha da Manhã é um lançamento seu. A sua linha jornalística representa a sua maneira de pensar no jornalismo moderno?

Francisco Antonio — Bom, nós não repartimos a Companhia e a Rádio Guaíba em feudos. Nosso trabalho é um trabalho de equipe. Um trabalho onde todos os elementos que lá se encontram procuram trabalhar de mãos dadas e eu acho que uma das razões do relativo sucesso que se possa ter alcançado tem sido sempre um sadio espírito de companheirismo que existe lá dentro da nossa casa. E nós temos procurado preservar esta maneira de pensar, este espírito de companheirismo. Claro que eu entendo que o que se tem feito lá pode ser creditado ao trabalho de todos...

Ernani Behs — Mas eu fiz uma pergunta que é a seguinte: está muito bonita dentro da linha filosófica e política da empresa a Rádio Guaíba e a Folha da Tarde eu sei que foram lançamentos de equipe. Mas a Folha da Manhã na sua fase de jornal moderno eu confesso que acho a Folha da Manhã, embora seja assinante do Correio do Povo (desde que cheguei a Porto Alegre leio o Correio todo o dia), mas a Folha da Manhã é o jornal com que me identifico, como um jovem de muita idade. O senhor sabe que a Folha da Manhã é um jornal interessante, que vicia... Eu quero dizer...

Breno Caldas (interrompendo) — Mas até eu que estou numa faixa de mais idade me encontro na Folha da Manhã.

Ernani Behs — Está certo. Tem duas páginas na Folha da Manhã que são obrigatórias para a atualização de qualquer leitor em Porto Alegre. A Folha da Manhã tem algo da filosofia jornalística do mais jovem diretor da Companhia Caldas Júnior?

Francisco Antonio — Na minha maneira de ver, eu entendo jornalismo como serviço público. Eu acho que isto é jornalismo. Se prestar serviço público. A nossa preocupação é com o bem comum, com a comunidade. A Folha da Manhã, o Correio do Povo, a Folha da Tarde e a Rádio Guaíba estão dentro da mesma orientação. Logicamente nós não poderíamos, seria um erro empresarial tremendo, nós tentarmos fazer três jornais iguais. Nós precisamos fazer três jornais diferentes. Logicamente que dentro da mesma linha e dentro da mesma orientação.

Ernani Behs — Mas a Folha da Manhã é uma nova linha jornalística no Rio Grande do Sul...

Breno Caldas — É uma pesquisa, digamos assim.

Ernani Behs — Dr. Breno, este tipo de jornalismo...

Breno Caldas — É uma pesquisa.

Ernani Behs — ... já foi tentado muitas vezes mas sem a responsabilidade que a Companhia Jornalística Caldas Junior dá aos seus veículos e é uma linha difícil dentro da filosofia da Companhia Caldas Junior. É uma linha até pouco compreendida no início por muitos...

Breno Caldas — E, eu já fui interpellado várias vezes sobre isso. As vezes em público, outra ocasião em entrevista. É que não há incompatibilidade nenhuma...

Ernani Behs — Absolutamente, dentro da mesma linha...

Breno Caldas — Não há uma contradição. Há um paralelismo.

Ernani Behs — Certo, é um jornal para o leitor jovem, o que o leitor jovem está querendo. Outra pergunta: é realmente uma equipe jovem que está fazendo a Folha da Manhã?

Francisco Antonio — Realmente é uma equipe jovem que está lá trabalhando procurando fazer um trabalho com responsabilidade, procurando dar a sua contribuição à empresa, à Companhia Caldas Júnior.

Diário e Montepio, juntos apenas no boato

O Montepio da Família Militar vai comprar o diário de Notícias? O boato andou circulando pela cidade vários dias. Daniel Monteiro, um dos diretores do MFM, no entanto, desmente categoricamente: "Não há interesse, nunca houve e acho que nunca vai haver".

Sucesso do Risco, um jornal de texto e humor

A L&PM é uma das menores e mais ativas editoras do Rio Grande do Sul. Primeiro veio o "Rango" do Edgar Vasquez e, para satisfazer o apetite de seus leitores vorazes, foi preciso lançar em seguida os livros 2 e 3. Depois, foi a vez do senador Paulo Brossard e seus discursos, reunidos no livro "Oposição". E no dia 7 passado, a furiosa L&PM voltou à carga, espalhando pelas bancas de Porto Alegre o seu "Risco", um jornal mensal de "informação, humor e pequenas tragédias". Quarenta e oito horas depois, a maioria das bancas da capital já pedia reposição de novos exemplares, o que explica a alegria de seus editores, pois o reparte das outras cidades do RGS ainda não tinha sido remetido. José Antonio Pinheiro Machado, editor-chefe, tranquilizava a população: "Primeiro, nossa meta é a capital e redondezas. Depois, todo o Rio Grande. E o mundo para dentro de um mês".

Nenhum gaúcho na reunião do SIP em S.Paulo

Nenhum representante gaúcho na 31.ª reunião da Sociedade Interamericana de Imprensa, SIP realizada em São Paulo em outubro e onde durante oito dias 330 delegados analisaram e debateram a situação da imprensa no continente. Adriano Soares, superintendente da Cia. Jornalística Caldas Júnior, chegou a viajar a São Paulo com a intenção de filiar a empresa à SIP. Mas, devido a problemas internos, teve que retornar a Porto Alegre na véspera do início da reunião.

A ética e os interesses da empresa

Registrar a passagem do dia da Imprensa a cada 10 de setembro, nos últimos anos tem sido uma tarefa repetitiva para os jornais. Os editoriais repetem-se em pedidos de menos censura, maior direito à informação ou em contar fatos de uma gloriosa imprensa do passado. Sem negar a importância da repetição destes temas vale destacar neste ano uma manifestação, pela forma simples e crítica como conseguiu lembrar a situação dos jornalistas no dia da Imprensa. Ela foi feita por Lineu Lago em sua coluna Espaço Vital no Jornal do Comércio, e dois meses depois continua muito atual: "Dezenas de jantares estão sendo oferecidos aos jornalistas durante esta semana, em comemoração ao Dia da Imprensa. A homenagem é tradicional e já faz parte do cardápio das entidades governamentais e privadas. Algumas aproveitam para ganhar alguns pontos de prestígio, outras engrenam uma entrevista coletiva. Na verdade, falta simplicidade, mais diálogo, menos horror às críticas e uma boa dose de naturalidade. Hoje, como quase sempre, as informações vêm prontas. Quem



pesquisar, levantar um problema, discutir enfoques está irremediavelmente incluído entre os inimigos. O Dia da Imprensa é um excelente momento, portanto, para revisar posições, permitir ao jornalista um franco acesso às fontes de informações e para criar coragem de enfrentar a crítica com humildade. Não vivemos num país de super-homens. Todos podem errar, inclusive e mais seguidamente os jornalistas. Que os encontros que serão realizados durante a semana sirvam para restabelecer uma série de posições distorcidas, onde normalmente o jornalista é considerado culpado. Está realmente na hora de assumir a responsabilidade pelas atitudes. Chega de meio campista."

Quem são os dez maiores da imprensa no País

Boletim da Associação Brasileira de Imprensa, de outubro, publicou a relação das empresas jornalísticas mais fortes do país de acordo com o faturamento. Entre as nove maiores figura uma empresa gaúcha, a Caldas Junior, em 8.º lugar com 2,93% do mercado. Esta é a ordem:

- 1) Grupo Abril — 39,98%
- 2) Estado de São Paulo — 15,06%
- 3) Grupo Folhas (de São Paulo) — 9,55%
- 4) Bloch Editores — 9,18%
- 5) Jornal do Brasil — 9,51%
- 6) O Globo — 8,76%
- 7) Correio do Povo (C. Junior) — 2,93%
- 8) Grupo Chagas Freitas (O Dia e A Notícia) — 2,26%
- 9) O Estado de Minas 2,41%

Samuel quer ensinar São Paulo aos paulistas

Dia 6 de novembro, primeira quinta-feira do mês, São Paulo e mais 150 cidades do estado — área metropolitana e as principais do interior — verão a primeira edição nas bancas de um novo semanário paulista, chamado "Aqui São Paulo". Trata-se de um lançamento da Editora SWDALC, reunião das iniciais de Samuel Wainer, Domingos Alzugaray e Luis Carta (os dois últimos sócios com Fabrizio Fazzano, na Editora Três). Com "Aqui São Paulo" — impresso em off-set, em preto e branco, com muita ilustração fotográfica, 48 páginas, tamanho tablóide, o conhecido fundador da cadeia de jornais "Última Hora" se lança em uma nova experiência do jornalismo brasileiro. Mas como é mais ou menos comum na imprensa nacional, Samuel não se arrisca a garantir a receptividade desse novo jornal: "Acho que teremos três meses para sentir a reação do leitor. Se dentro deste prazo estivermos vendendo entre 50 e 55 mil exemplares, o sucesso de Aqui São Paulo está garantido". O investimento inicial — contando o primeiro mês de trabalho mais as despesas com os números zeros — chega a 1 milhão e 500 mil cruzeiros, considerado pequeno dentro do esquema comercial corrente da imprensa brasileira. E a receita está,



Eu fui condenado à morte. (Confissões de um repórter argentino) Eu me condenci à morte. (Diário de um escritor peruano). Nós vivemos na morte. (A vida num hospício mineiro). Eduardo Galeano. Percival de Souza. Michel Foucault: entrevista. João Antônio.

basicamente, assim dividida: 30% para a publicidade e 80% para a venda (inicialmente nas bancas, a Cr\$ 5,00 e exemplar. Mas é considerada a possibilidade de assinaturas). Samuel procura definir o novo seminário como uma espécie de guia para o paulista; um guia que se propõe a ensiná-lo a consumir, exercendo seus direitos de consumidor. "É muito comum notar-se o constrangimento de uma pessoa, em um restaurante, para reclamar da nota, se ele acha que algo está errado nela. Pois nós queremos orientá-lo para essas coisas. Quem paga tem o direito de exigir um bom serviço, em tudo". Além dessa parte de "educar o consumidor", o jornal tentará despertar no paulista um interesse maior pelas figuras de sua cidade, seja o artista ou o político. "Por isso, teremos fotógrafos, tipo "paparazzi", que vão mostrar, onde os personagens mais populares costumam frequentar. Esse assunto será tratado em duas colunas assinadas por Daniel Más com os nomes de GF (Gente Famosa) e GB (Gente Bonita). Como exemplo de assuntos a serem tratados pelo "Aqui São Paulo", Samuel cita algumas reportagens do número zero "São Paulo ano 2.000, Paraíso ou Inferno?"; "Quem tem medo do Canal 2?" (TV Cultura, propriedade do Estado); "São Paulo depois de Geisel: mais bicicletas e menos caviar".

Enfim um jornal realmente novo no interior

Chama-se INFORMAÇÃO ((Seminário de INFORMAÇÃO Política), é dirigido por Jefferson Barros, ex-editor assistente de Veja, ex-crítico de cinema e ex-editor de interacional da Folha da Manhã. Se propõe a debater questões populares, como a qualidade da vida dos moradores de bairros da região noroeste do Estado, dificuldades do pequeno agricultor, problemas estudantis e problemas urbanos gerais. Sai todas as sextas-feiras e custa dois cruzeiros. É o novo seminário gaúcho, lançado dia 31 de outubro em Ijuí. Tem tudo para ser um dos melhores jornais do interior do Estado.

ATENÇÃO...

Diretores de Arte, produtores, montadores, desenhistas, layoutmen, arquitetos, projetistas, estudantes de arte e comunicação, técnicos gráficos e etc. A LETRARTE — Linotipadora e Composições Gráficas Ltda. está ao seu lado com um moderno equipamento de composição mecânica e tipográfica para executar qualquer trabalho (inclusive os de última hora) com criatividade, rapidez, perfeição e baixo custo operacional. CRISTOVÃO COLOMBO, 717.

Um repórter e seu jornal de repórteres

Um jornal de reportagem, idéias e cultura. Com essa divisa jornalística **VERSUS** chegou às bancas na primeira semana de novembro ao preço de Cr\$ 10,00 e com 64 páginas. Idealizado pelo gaúcho Marcos Faerman, repórter especial do Jornal da Tarde, de São Paulo, **VERSUS** assemelha-se a revista argentina "Crisis", editada pelo escritor Eduardo Galeano ("Las Venas Abiertas de América Latina") — que também aparece em **VERSUS** com um texto sobre os mineiros de diamantes da Venezuela. Um repórter argentino conta como foi condenado à morte; um escritor chileno escreve o diário de sua morte; Arrabal escreve ao general Franco; um pensador francês fala sobre sexualidade, hospícios e prisões; são reportagens que se propõe a tratar do homem latino-americano como um só, com os mesmos problemas e as mesmas inquietações.

Silvio Santos sim, Jornal do Brasil não.

Ainda não se conhecem (talvez nunca se venha a conhecer) as razões que levaram o governo a dar o canal 11 do Rio de Janeiro para o animador Sílvio Santos e não aos outros três pretendentes — Editora Bloch, Editora e Impressora de Jornais e Revistas (publica os diários populares O Dia e A Notícia, no Rio) e a Fundação Cásper Libero (TV Gazeta, canal 11, em São Paulo). Mas é certo que dois pontos foram fundamentais para a decisão: 1) o compromisso de Sílvio Santos de instalar a sua emissora só com o apoio de suas dezoito empresas, sem recorrer a financiamentos oficiais ou privados, e o fato de Sílvio Santos já ter toda uma estrutura montada em São Paulo e ser um dos poucos empresários do setor em condições de, em pouco tempo fazer frente ao monopólio da Globo, que não agrada nem um pouco ao governo. Nos meios profissionais, a decisão foi muito bem recebida porque o canal 11 poderá melhorar sensivelmente o mercado de trabalho, atualmente nada bom: a Tupi paga pouco e atrasado, a Globo, dominando o campinho, impõe as regras do jogo, evidentemente pouco favoráveis aos empregados. Sílvio Santos, diz-se em São Paulo, costuma pagar bons salários aos seus funcionários. Dias antes de dar o Canal 11 a Sílvio Santos, informou-se no Rio que a empresa Jornal do Brasil S.A. teve seu segundo pedido de prorrogação do prazo para instalar um canal de TV em São Paulo (o antigo canal 9, Excelsior) negado pelo Dentel. Se até o dia 4 de dezembro não entregar um plano completo, detalhando o equipamento, instalações e local da estação, perderá a concessão do canal que tem.

Orgãos da RBS não conhecem a censura

"Ao longo de toda sua existência, a Rede Brasil-Sul de Comunicações teve somente um problema com a Censura, gerado mais por um problema de ordem emocional do que de censura propriamente dita. Foi no lançamento da moda do monoquini. O secretário de Justiça do Estado na ocasião era o hoje senador Paulo Brossard. A RBS tem promovido debates políticos sem que se registre qualquer problema com a Censura" (Palavras de Maurício Sirotski Sobrinho, diretor-presidente da RBS, ante a Comissão de Comunicações da Câmara Federal, em Brasília, em 29-10-75).

Placa no diretório não. Ele não é dos alunos

Embora já tivessem tomado a decisão em assembléias realizadas em todas as salas de aula, os alunos da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS acabaram não descerrando a placa que daria o nome da Vladimir Herzog à sala onde funciona o seu diretório. Ao invés, decidiram convocar uma assembléia geral para decidir se realizarão a cerimônia, apesar da proibição da direção da faculdade, anunciada sexta-feira, dia sete de novembro, pouco antes do descerramento. O chefe de segurança foi à faculdade, neste dia, e explicou que não havia proibição, mas que temia pela segurança dos alunos. Mas a direção proibiu, alegando que a sala não pertence ao diretório. Apenas lhe foi cedida provisoriamente. O que é verdade.

UFRGS: depois das eleições confusão na posse

No último dia 5 foi empossada nova diretoria do Diretório Acadêmico de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal. A posse foi apenas mais um episódio confuso das confusas eleições para a gestão 74/75 do Dabico: por não ter sido avisada oficialmente pela direção e porque não foi respeitado o prazo previsto para entrega do cargo, a diretoria anterior se negou a comparecer ao ato. Até agora procura-se saber quem passou o cargo aos eleitos.

Nos cinco anos de existência da faculdade esta foi a primeira eleição a ter duas chapas. Talvez por isso tenha havido tanta confusão. Aliás, a primeira coisa que houve foi um descerto: na hora da inscrição, as duas chapas queriam o mesmo número. E, para acabar a discussão, a Comissão Eleitoral decidiu que ninguém teria número, as chapas seriam identificadas nas cédulas pelas suas palavras de ordem.

Nem havia terminado a questão do número, surgiu outra: uma aluna da Biblioteconomia integrante da chapa da situação desistiu de concorrer alegando que "escreveram coisas em cima do meu nome que eu não gostei".

VOTOS DEMAIS

Na votação, tudo em ordem, nenhum problema. Mas na hora de contar os votos, havia mais votos do que votantes. O presidente da chapa da situação pediu impugnação do pleito e no dia 27 de outubro a Congregação da Faculdade se reuniu para decidir o assunto. Na reunião foi constatado um erro no Regimento do Diretório (Aprovado pela Congregação em 72): o artigo 42, alínea "b" entra "em flagrante contrariedade com o que afirma o artigo 6, parágrafo único do decreto lei 228 de 28/8/67", diz a ata da reunião. Mas o resultado das eleições foi considerado válido porque o "número de votantes é igual ao número de sobre cartas (cada voto ia dentro de um envelope) e que os votos a mais mesmo anulados ou dados a favor do perdedor, não mudaria o resultado.

"Se fosse anulada a eleição por tal motivo (mais votos que votantes), diz a ata, "daria lugar a uma infundável série de pleitos e anulações e consequente agitação no meio estudantil...".

Venceu, por tanto, a chapa de oposição que usou o lema "Ação e Integração", (com 42 votos de diferença e se propõe a "um diálogo sem agressividade com os professores e uma união com a Biblioteconomia". Além disso promete fazer muito mais do que a diretoria que a antecedeu. O que não será difícil, como reconhece a própria diretoria que está saindo: "Nós não pudemos fazer nada, não tínhamos dinheiro. A gestão anterior não prestou contas e nós fomos prejudicados porque não recebemos a verba. Marcamos várias reuniões com o antigo presidente, mas ele só

apareceu na primeira". (A prestação de contas foi feita somente dia 27 de outubro último, quase um ano depois e muita gente estranhou que ela tenha sido feita depois das eleições em que saiu vitoriosa uma chapa publicamente apoiada por alguns professores).

ALMÔNDEGAS

A situação fez pouca coisa realmente: um show com o conjunto "Almôndegas" que deu um lucro de 900 cruzeiros, uma palestra com o presidente do sindicato dos Jornalistas de Porto Alegre, uma palestra com o presidente do sindicato dos Bibliotecários, uma feira do livro e um papo na sala do Dabico com o compositor João do Vale. Eles acreditam que isto havia sido o começo, daí o lema "Pelo desenvolvimento do Trabalho Iniciado". Na última semana de gestão, o diretório enviou uma carta de pêsames ao sindicato dos jornalistas de São Paulo pela morte do jornalista Vladimir Herzog (A Famecos da PUC fez um minuto de silêncio num debate) e mandou fazer uma placa de bronze a ser colocada no diretório em sala que se chamará "Sala Vladimir Herzog".

Estudantes buscam saídas para o ensino na PUC

Durante uma semana alguns alunos de Comunicação da PUC percorreram insistentemente as salas de aula convocando colegas e professores para uma sessão de debates sobre o curso. Mas, para reunir quase uma centena de alunos e apenas quatro dos quase vinte professores da faculdade, foi necessária uma nova convocação dos organizadores, que depois de 1 hora e 17 minutos de espera do mini-auditório, na data marcada 29 de outubro, foram novamente de sala em sala convocando todos. E, graças a esta insistência os alunos que participaram dos debates terão daqui para frente melhores condições de avaliar seu curso e talvez até de melhorá-lo, se os resultados do encontro forem postos em prática. Um deles será a criação de uma comissão de avaliação do curso composta somente de alunos,

que, depois de reuniões periódicas fará suas idéias percorrerem os difíceis caminhos oficiais para serem postas em prática. Uma dificuldade reconhecida pelo próprio Irmão Mainart, professor de português, que confessa jamais ter um ofício reivindicatório vencido a burocracia para chegar ao Conselho Departamental, órgão que tem condições legais de introduzir modificações no currículo.

COMPROMISSO

Constatada a fragilidade do curso, logo no início dos debates e a impossibilidade de se contar com a Universidade para superá-la, os alunos sugeriram também a criação de cursos paralelos ao currículo elaborado pela PUC. Esta idéia, bem aceita por todos, teve a adesão de um dos quatro professores participantes, Carlos Urbim (redação), que foi aplaudido pela sua intervenção: "Eu peço a vocês que se isto vier a acontecer, não me deixem de fora da jogada". Certamente uma saudável preocupação vinda de um membro do corpo docente, quando dentro do mesmo existem professores como Renato D'Arrigo (propaganda) que logo na primeira intervenção no início dos debates esclareceu muito bem sua posição: "Nós não vamos chegar a nada. E vocês me desculpem, mas eu tenho um compromisso inadiável e tenho que me retirar agora".

Essa despreocupação é estranha para os alunos, pelo menos para uma maioria que sente dificuldades para pagar as caras mensalidades cobradas pela PUC. Uma pesquisa feita pelos veteranos e levantada durante os debates, mostra que o aluno que está concluindo o curso em 1975 gastou cerca de Cr\$ 13 mil em 32 meses letivos, numa média mensal de Cr\$ 400,00.

Esta média, comparada ao salário mínimo do Estado em 1972 (ano de ingresso desta turma na Universidade), Cr\$ 249,60, mostra que a mensalidade era quase duas vezes mais cara.

As altas taxas cobradas pelo Centro Acadêmico na atual gestão — Cr\$ 85,00 no início do ano e quantia igual na matrícula de julho — também foram criticadas pelos alunos. Ainda mais se for considerado o fato de que os alunos estão pagando ingresso para as promoções feitas pelo Centro Acadêmico que poderiam ser financiadas pelo dinheiro arrecadado nas taxas. Segundo um veterano, "para um Centro Acadêmico que realiza eleições de rainhas em uma faculdade de jornalismo, roubar dos próprios estudantes não é uma atitude que possa surpreender ninguém".

UM JORNAL

O resultado de duas horas e meia de debates foram promessas de estudantes assumindo maiores responsabilidades sobre seu curso. A idéia de cursos paralelos e dos centros de estudos ganharam adeptos suficientes para serem postas em prática. E, uma terceira sugestão, a criação de um jornal desde o primeiro ano da faculdade (atualmente, apenas os alunos de quarto ano fazem o **Experiência** vai favorecer principalmente os autores da iniciativa do encontro: os bixos, alunos que entraram em julho na Universidade.

Alunos vão pagar Cr\$ 5 mil este ano para a PUC

A Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul acaba de divulgar a sua nova tabela de preços para o ano letivo de 1976. O aumento médio previsto está na ordem dos 36 por cento.

Isso significa que um estudante de comunicação, curso com enormes deficiências, terá que pagar cerca de 780 cruzeiros por semestre de matrícula e matrícula, além dos aproximadamente 400 cruzeiros mensais

De acordo com os alunos, o elevado índice de aumento das anuidades na PUC está ligado ao investimento que a universidade está fazendo na construção do seu hospital que terá, entre outras inovações, um elevador que é ao mesmo tempo uma sala operatória que custará oito bilhões de cruzeiros.



INFORMAÇÃO POR BASE

"Para trabalharmos, evidentemente, nós temos que ser realistas, temos que saber qual é a situação. Qualquer ação tem que ter por base a informação, essa informação tem que ser real, tem que ser verdadeira, seja boa, seja má, para que se possa trabalhar bem, em consonância com ela".

(Presidente Ernesto Geisel, falando de improviso num encontro com dirigentes da Arena, dia 23/10/75)